



Simulador de incêndios quer ter resposta efetiva



DB-Luís Carregã

Sessão decorreu no Departamento de Física da UC

●●● Jorge Raposo, Koyo Satoh e Abdelrahman Abouali, do Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), estiveram ontem no Departamento de Física (DF) para apresentar simulações sobre a propagação de incêndios, realizadas na sequência dos acontecimentos recentes em Pedrógão Grande. Os elementos da equipa liderada por Xavier Viegas explicaram de que forma o supercomputador da UC pode ser ferramenta na previsão e combate a fogos florestais.

“Fomos convidados a dar nossa intervenção sobre o que fazemos na área dos incêndios florestais, com recurso à simulação que é possível fazer recorrendo ao supercomputador do DF”, adiantou Jorge Raposo ao DIÁRIO AS BEIRAS.

“Hoje, temos simuladores de fogo que suportam um bocadinho as operações de combate e estratégia, mas são simuladores que estão limitados, pelo processamento, porque levam demasiado tempo a correr ainda, são complexos”, revelou. Segundo o responsável, “estamos a tentar, conjuntamente com o DF e outros colaboradores da UC e do Departamento de Informática, desenvolver um simulador que consiga dar resposta, se não em tempo real o mais rapidamente possível, para que se consiga dar resposta efetiva aos incêndios, suportada em factos, em bases científicas”.

Dupla componente

Segundo Jorge Raposo, esta ferramenta pode ter duas componentes: “Pode ser um trabalho feito previamente de simulação de risco, ou seja analisamos

uma determinada área, qual o risco de ocorrer o incêndio e, se ocorrer, qual será o seu impacto e assim decidir onde devem ser concentrados meios de prevenção; ou em caso de incêndio, suportar a decisão de quem está no terreno”, através de informações de “orientação, propagação, de condições de acontecimentos de fenómenos extremos que têm sido a estudados pela nossa equipa, pelo professor Xavier Viegas, que tem um longo historial de estudo de comportamento do fogo, e que agora está a trazer isso para o tempo da simulação e da implemen-

tação prática”.

Sobre a utilização deste conhecimento nos acontecimentos registados na região, Jorge Raposo explica que “é aplicado na medida do que existe ainda, com muitas limitações, que pretendemos colmatar o mais breve possível. Dentro de um a dois anos temos de ter este sistema a funcionar completamente desenvolvido, com melhorias substanciais, porque, neste momento, alguém que queira tomar uma decisão não consegue quantificar qual é a certeza daquilo que o simulador lhe dá, porque há escassez de dados”.

| José Armando Torres